

EPCAr – 2016

A Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAr) é uma escola de ensino da Força Aérea Brasileira (FAB), sediada em Barbacena (MG). Sua missão é preparar jovens para ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA) por meio do CPCAR (Curso Preparatório de Cadetes do Ar), e ao mesmo tempo proporcioná-los o complemento do Ensino Médio.

Os alunos que concluírem, com aproveitamento, o CPCAR, terão direito ao Certificado de Conclusão do Ensino Médio. Aqueles que desejarem ingressar na AFA, para realizar o Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV), poderão fazê-lo desde que sua classificação esteja dentro do número de vagas destinadas aos alunos concludentes do 3º ano do CPCAR e as condições de saúde física e psicológica atendam aos requisitos exigidos para ingresso no 1º ano do CFOAV. As vagas para o CFOAV destinadas aos alunos egressos do CPCAR serão estabelecidas pela Portaria do Comandante da Aeronáutica, não sendo assegurada a matrícula de todos os concludentes.

Leia mais: <http://cadetesdoar.webnode.com.br/news/o-que-e-epcar/>

A **PROPOSTA DE REDAÇÃO** abaixo foi extraída do Concurso da Academia da Força Aérea (AFA/2016). Ao final, as expectativas da banca julgadora acerca da proposta.

(Epcar (Afa) 2016) Com base nos textos da coletânea que segue abaixo, escreva um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, sobre: **A realidade da vida nas favelas e a maneira como são apresentadas atualmente para o mundo.**

Texto 1

Quarto de Despejo

“O grito da favela que tocou a consciência do mundo inteiro”

2 de MAIO de 1958. Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.

...Eu fiz uma reforma para mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar sorriso amavel as crianças e aos operarios.

...Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doiam tanto que eu não podia andar.

Começou chover. Eu ia na Delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos tem 9 anos.

3 de MAIO. ...Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.

6 de MAIO. De manhã não fui buscar agua. Mandeí o João carregar. Eu estava contente. Recebi outra intimação. Eu estava inspirada e os versos eram bonitos e eu esqueci de ir na Delegacia. Era 11 horas quando eu recordei do convite do ilustre tenente da 12ª Delegacia.

...o que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.

Estão construindo um circo aqui na Rua Araguaia, Circo Theatro Nilo.

9 de MAIO. Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que estou sonhando.

10 de MAIO. Fui na Delegacia e falei com o Tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na Delegacia na primeira intimação.

(...) O Tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: se ele sabe disso, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O Senhor Janio Quadros, o Kubstchek, e o Dr Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas

dificuldades.(...) O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças.

11 de MAIO. Dia das mães. O céu está azul e branco. Parece que até a natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não realizar os desejos de seus filhos. (...) O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia. (...) A D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me 15 cruzeiros. Disse-me que era para a Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros.(...) Ontem eu ganhei metade da cabeça de um porco no frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar. (...) Surgiu a noite. As estrelas estão ocultas. O barraco está cheio de pernilongos. Eu vou acender uma folha de jornal e passar pelas paredes. É assim que os favelados matam mosquitos.

13 de MAIO. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo.

Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. (...) Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva para mim ir lá no Senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. (...) Eu tenho dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: Viva a mamãe!. A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Mandei-lhe um bilhete assim: “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouquinho de gordura, para eu fazer sopa para os meninos. Hoje choveu e não pude catar papel. Agradeço. Carolina”

(...) Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!

(DE JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo*.)

Texto 2

FAVELÁRIO NACIONAL

Quem sou eu para te cantar, favela,
 Que cantas em mim e para ninguém
 a noite inteira de sexta-feira
 e a noite inteira de sábado
 E nos desconheces, como igualmente não te
 conhecemos?

Sei apenas do teu mau cheiro:
 Baixou em mim na viração,
 direto, rápido, telegrama nasal
 anunciando morte... melhor, tua vida.

...
 Aqui só vive gente, bicho nenhum
 tem essa coragem.

...
 Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
 Medo só de te sentir, encravada
 Favela, erisipela, mal-do-monte
 Na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
 nem de tua manha nem de teu olhar.

Medo de que sintas como sou culpado
 e culpados somos de pouca ou nenhuma
 irmandade.

Custa ser irmão,
 custa abandonar nossos privilégios
 e traçar a planta
 da justa igualdade.

Somos desiguais
 e queremos ser
 sempre desiguais.
 E queremos ser
 bonzinhos benévolos
 comedidamente
 sociologicamente
 mui bem comportados.

Mas, favela, *ciao*,
 que este nosso papo
 está ficando tão desagradável.
 vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

...

(ANDRADE, Carlos Drummond de, *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984)

Texto 3

DUAS VEZES FAVELA

Marginalizados pela exclusão social e idealizados no cinema e na música popular, morros do Rio vivem entre catástrofe e descaso do poder público

Boris Faust

A imensa tragédia nos morros do Rio de Janeiro relembra o quanto as favelas cariocas fazem parte do imaginário dos brasileiros. Começando pela sua origem e por sua designação, elas têm uma história peculiar e centenária. Embora haja controvérsias a respeito, parecem ter surgido, por volta de 1897, como local de moradia, oferecido pelo governo aos soldados que regressavam da campanha de Canudos [na Bahia]. Não por acaso, a designação "favela" foi dada por esses soldados que, nas proximidades do arraial de Canudos, acamparam num morro, chamado de morro da Favela, em referência a um arbusto resistente, muito conhecido nas zonas secas do Nordeste. (...) Com uma distância de 50 anos, o editorial da revista "Anhembi", de responsabilidade do escritor e jornalista Paulo Duarte, fala da vitória de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais de 3 de outubro de 1950, vinculando-a, no Rio de Janeiro, ao "meio milhão de miseráveis, analfabetos, mendigos famintos e andrajosos, espíritos recalçados e justamente ressentidos, indivíduos tornados pelo abandono homens boçais, maus e vingativos, que desceram os morros embalados pela cantiga da demagogia (...)".

Idealização do morro

O reverso da demonização da favela veio pela mão do cinema e principalmente da música popular. No caso do cinema, uma referência lendária é o filme "Favela dos Meus Amores", de 1935, do qual, se não estou enganado, não sobrou uma só cópia. Dirigido por Humberto Mauro, com a colaboração de Henrique Pongetti, sua trilha musical era feita de canções e sambas de Ary Barroso, Custódio Mesquita e Orestes Barbosa, entre outros.

Milhares de sambas tematizaram a favela, em fases que têm a ver com a história do país, onde predominam ora a idealização romântica (as cabrochas, os barracos sem trinco, a proximidade do céu), ora a violência (dos marginais ou da polícia), ora o protesto contra as injustiças sociais. Isso foi muito bem mostrado por Jane Souto de Oliveira e Maria Hortense Marcier num ensaio intitulado "A Palavra É Favela", que se encontra no livro já citado de Zaluar e Alvito.

Curiosamente, Noel Rosa [1910-37], um dos grandes da música popular brasileira, tematizou quase todos esses aspectos, inclusive na célebre polêmica com Wilson Batista, respectivamente na defesa e na condenação do malandro.

Nos versos da música popular, encontramos às vezes um apelo para que a cidade enfrente o problema da favela e da habitação popular. É o caso de "Barracão", a célebre canção de Luiz Antonio e Oldemar Magalhães, que não eram compositores do morro, mas sabiam o que diziam: "Ai, barracão/ Pendurado no morro/ Vai pedindo socorro/ À cidade a seus pés".

Bela inversão, em que uma cidade, geograficamente submetida, tem, no entanto, socialmente, uma posição dominante com relação aos habitantes lá do alto.

Até que ponto o pedido de socorro, diante da catástrofe atual, será ouvido? Até que ponto o problema será enfrentado com um misto de humanidade e competência técnica, à margem da falsa dualidade "remoção ou urbanização", que percorre a história das favelas, como se todas as situações - na realidade, muito diversas - fossem idênticas?

A folha corrida do poder público, onde consta o crime do esquecimento de tantas e tantas tragédias, não me permite ser otimista. Mas quem sabe – assim espero – eu esteja completamente enganado.

(www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1804201009.h.m)

Texto 4

A Defensoria Pública em parceria com o programa "Polos de Cidadania" – programa de extensão da Faculdade de Direito da UFMG – promoveu, no dia 07 de novembro, a Roda de Conversa para debater sobre o tema Favela. O evento contou com a presença de defensores públicos, estudantes e moradores destas comunidades. (...)

Outro tema abordado foi o estereótipo criado acerca da favela e dos seus moradores: a idealização, a visão romântica de que são pessoas alegres e unidas, que amam e se orgulham do lugar em que vivem, mesmo passando por muitas dificuldades. De acordo com eles, essa ideia, consumida massivamente pela sociedade principalmente por meio das novelas de televisão, acaba por gerar uma cristalização da posição social destas pessoas, pois, se tão contentes estão com a própria vida, não faz sentido quererem ascender socialmente ou usufruir os mesmos direitos que moradores de outras áreas das cidades.

“A Roda de Conversa foi realizada na data em que se comemora o dia estadual da Favela – disse a defensora pública Cleide Nepomuceno – o que nos faz questionar se há algo a ser comemorado, pois, se de um lado está a iniciativa, organização e coragem dos moradores em construir o seu próprio espaço em contraponto à inércia do Estado e a marginalização imposta pela sociedade, por outro lado existe uma gama de problemas a serem enfrentados”. (...)

De acordo com a coordenação, quando se pretende lidar com uma determinada realidade, há que se respeitá-la em sua autonomia e peculiaridade, ouvindo sua voz e sua história. “Trabalhar em uma favela, exige, antes de tudo, o reconhecimento daquele local e daquelas pessoas enquanto iguais e dotadas de vivências por nós desconhecidas, que demandam respeito e cuidado. A oportunidade de ter um diálogo horizontal com pessoas que vivenciam cotidianamente a luta pela moradia digna, a luta contra o racismo, contra a marginalização e criminalização da pobreza, dentre outras muitas, é uma forma também de combater os perniciosos estereótipos que são criados acerca do ambiente da favela e seus moradores”.

(www.anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=21282 - acesso em 20/05/2015)

- Considere os textos anteriores como motivadores e fonte de dados. Não os copie, sob pena de ter a redação zerada.
- A redação deverá conter no mínimo 100 (cem) palavras, considerando-se palavras todas aquelas pertencentes às classes gramaticais da Língua Portuguesa.
- Dê um título à redação.

O que a banca julgadora esperava da proposta de redação?

Para um tema de grande relevância social, “A realidade da vida nas favelas e a maneira como são apresentadas atualmente para o mundo”, foram selecionados textos de diferentes gêneros textuais – diário, poema, matéria do jornal *Folha de S. Paulo*, notícia da Associação Nacional dos Defensores Públicos (Anadep) –, que proporcionaram ao candidato dados, informações e pontos de vista diferentes a respeito do tema.

No trecho do livro *Quarto de Despejo*, da ex-favelada Carolina Maria de Jesus, o estudante tem acesso à descrição lúcida e comovente do dia a dia em uma comunidade pobre da cidade de São Paulo.

Em “Favelário nacional”, Drummond expõe a problemática dessas habitações urbanas como fruto de um descaso por parte de “privilegiados”, grupo do qual o próprio poeta afirma fazer parte, confessando a culpa que sente.

Boris Faust, em “Duas vezes favela”, aponta a idealização da realidade dos morros no cinema e na Música Popular Brasileira. Em seguida, descreve o contexto de surgimento das primeiras favelas, durante a Guerra de Canudos, no fim do século XIX – conteúdo interessante para o candidato que optar por uma contextualização histórica em sua dissertação.

O texto do Anadep fecha o debate sobre o assunto apontando sobre a necessidade de um combate a estereótipos perniciosos acerca do ambiente da favela e de seus moradores.

